

EDITORIAL

Queremos, com este número da Revista Estudos Bíblicos, preparado por articulistas do Centro-Oeste, abordar uma temática muito querida da Bíblia: os hinos. Eles perpassam muitos livros das bíblias hebraica e cristã. O ponto de referência dos hinos é o livro dos Salmos, que, se olharmos pelos gêneros literários, revelam-nos outros tipos de poesias e cânticos como os salmos individuais e coletivos, reais e didáticos. Também neste livro referencial, podemos distinguir, só nos hinos, três subdivisões: hinos de louvor (vinte salmos), salmos da realeza do Senhor (seis salmos) e Cânticos de Sião (sete salmos). Os três têm o louvor, como núcleo básico.

No entanto, queremos ir além do Saltério. Este será contemplado com dois artigos, porém, quisemos ir a outras experiências comunitárias, em toda a Bíblia, que nos narram outros hinos, frutos de diferentes situações vitais.

A origem dos hinos vem dos cânticos religiosos das antigas liturgias, praticamente, de todas as religiões. Quando se pensa em hinos, vem logo à cabeça a ideia de solenidade, fervor entusiasmado e exaltação espiritual.

Na Bíblia, estes poemas, interpretados retumbantemente, ou solo, ou em coral, ou na grande assembleia, celebravam Yahweh e, no Novo Testamento, também Jesus Cristo. Eram, sempre, expressão de experiências religiosas como o modo mais especial e mais elevado de oração pessoal ou comunitária. Eram acompanhados, com harmonia musical, por instrumentos diversos (trombeta, cítara, harpa, tambor, flauta, címbalos) e, por vezes, com dança (Sl 150).

Principalmente, no Antigo Testamento, os hinos não tinham fortes imposições formais. Geralmente, eram metrificados, pelo fato de, muitas vezes, serem interpretados por corais durante as cerimônias litúrgicas.

Ainda no Antigo Testamento, o grande momento da exaltação do louvor a Yahweh era o Templo de Jerusalém. Já a hinologia cristã dos cristianismos originários, sem o templo, recebeu a adaptação nas pequenas liturgias domésticas. Por isso, como veremos, alguns hinos do Novo Testamento perdem qualquer rigidez formal. O importante era que na solenidade (batismo, eucaristia) o fervor comunitário fosse expresso como força espiritual da assembleia.

Os dois primeiros hinos, escolhidos pelos articulistas, como era de se esperar, vêm do Saltério. Só aqui neste livro aparecem vinte hinos de louvor. Há um “convite de louvor” dirigido pelo cantor, sacerdote ou levita, dirigido à assembleia celebrativa. Aí se explica que o destinatário é Yahweh. Muitas vezes, o convite é acompanhado de alusões a gestos que acompanham o canto (prostrações, aplausos, gritos), referência a instrumentos musicais e designação do grupo a quem se dirige o convite. Os articulis-

tas vão nos apresentar o “núcleo” dos seus salmos escolhidos, a “situação vital”, as “perspectivas teológicas” e uma tentativa de “atualização”.

Iniciaremos, com um típico hino bíblico que será trabalhado por Luiz Alexandre: Sl 146. Este salmo tem por característica fundamental, o louvor a Deus por sua ação na história, criando e libertando. Quando se louva a Deus que age na história, há um protesto contra o *status quo* onde a injustiça e a opressão prevaleceram. O louvor acontece porque o Deus louvado é de justiça e fidelidade. Ele é um Deus que cuida dos sem força. O ato de louvar a Deus não é somente “cantar”, mas há um engajamento num ato subversivo, porque no louvor quem se expressa reivindica que a vida seja plena e com qualidade para todos. O caminho de Deus, não do injusto, prevalecerá.

Já Valmor da Silva reflete para nós o Sl 8, um hino de louvor que mostra o lugar do ser humano na criação. Este, reconhecendo sua pequenez, como criança, proclama um hino de reconhecimento. O artigo “Louvor no Salmo 8”, de Valmor da Silva, analisa o texto em seu gênero hino de louvor e destaca, nesse modelo, os elementos literários que o ilustram. Particular atenção é dada ao texto original, e os elementos literários que estruturam a beleza do hino merecem especial destaque. Em concreto, o autor faz a tradução literal, com notas explicativas, depois esquematiza a estrutura literária do hino de louvor, analisa a inclusão do início e final do salmo, para destacar as belezas da poesia hebraica, expressas numa das mais belas orações do saltério.

Marcelo Barros nos brinda com uma reflexão sobre Is 52,13–53,12. É o 4º Cântico do Servo Sofredor. Este hino se desenvolveu como um diálogo com várias vozes, ou seja, Deus, comunidade e profeta. A todo o momento, Deus enaltece e protege o servo, que não fala. Marcelo chama o cântico de o “Hino de Resistência do Povo Escolhido”, atualizando-o para uma leitura latino-americana. É aqui na América Latina que a resistência, baseada no fortalecimento de movimentos indígenas e populares (indígenas Chiapas no México, indígenas dos Andes, particularmente, na Bolívia, também mais trinta nações indígenas no Brasil, bem como lavradores, os meninos de rua, assim como catadores de papel e material reciclável nas ruas e outros segmentos empobrecidos), têm se revelado como um dos fenômenos sociais mais incríveis. Este Hino do Servo Sofredor nos ajuda a acreditar e a apostar nestes movimentos, assim como a participar solidariamente de suas lutas pacíficas por terra, pão e liberdade.

No Novo Testamento, foram contemplados três hinos de Paulo.

Joel Ferreira reflete o Hino da liturgia batismal de Gálatas (Gl 3,26-28). Era um hino batismal ou fragmento de um credo muito conhecido pelas primeiras comunidades. Era uma fórmula já celebrada por outras comunidades independentes do apóstolo. Paulo conheceu este belo e significativo texto e o absorveu como um programa de vida também para ele e suas comunidades. Gl 3,26-28 era uma confissão batismal que foi citada por Paulo e se tornou uma espécie de programa da busca de uma possível sociedade desconhecida do mundo greco-romano. Esta sociedade almejada pelas comunidades primitivas, e agora também por Paulo, deve ser livre e igualitária.

Paulo Ueti mostra, para nós, que o hino de filipenses (Fl 2,5-11) é considerado de extrema importância na teologia de Paulo e do Novo Testamento. O apóstolo

encontra-se num contexto de conflitos e o hino é destinado a uma comunidade muito querida para ele. Ele escreve a carta provavelmente enquanto estava preso e correndo o risco de ser enviado para a morte. Muitos/as acreditam que o hino seja de um período pré-paulino. Alguns acham, inclusive, que é um hino pré-cristão, posteriormente adaptado, acrescentando-se as últimas estrofes para “cristologizar” o mesmo. Há um consenso em acreditar que, de qualquer maneira, é uma das peças literárias de uso litúrgico mais antigas do ambiente cristão. Ueti, na abrangência do tema, enriquece-nos, com reflexões bem apropriadas, sobre o “corpo” e o envolvimento com a comunidade.

Já Darlison nos conta que o hino de Rm 11,34-36 trata de dois mistérios, duas situações não totalmente compreensíveis: o mistério da relação de Deus com Israel (eleição, rejeição e salvação de Israel) e o mistério do próprio Deus (quem é Deus). O hino teológico possui evidentes méritos. Do lado teológico, o Deus impenetrável ou inacessível acaba sendo concebido como aquele que receberá glória dos homens. Do lado devocional, é fato que o poeta compôs um rebuscado poema para refletir com profundidade e reverência a respeito daquele a quem chama de Deus, a respeito daquele a quem deseja glorificar pelos séculos dos séculos.

Por fim, não podia ficar de fora o Apocalipse. Com suas dezenas de doxologias e hinos cantados na assembleia, Daniel trabalha para nós, longamente, este livro, a partir do hino de Ap 22,10-20. A pergunta: como cantar num tempo de guerra, num tempo sem sol? Ele reflete “cantos de resistência e vitórias em tempos de império e imperialismo”, passando pela *pax romana* e o culto do imperador (de Domiciano a Trajano). Resistir é cantar a vitória em meio à derrota esmagadora, já que a palavra profética tem que ser anunciada, porque não se apagam a revolução e a festa na terra... talvez também no céu.

Que os leitores desta revista Estudos Bíblicos compreendam que os hinos bíblicos têm muito a falar para a nossa realidade. Louvar a Deus e a Jesus Cristo, seu Filho, é possibilitar a nós, os humanos, o retorno à consciência crítica, para que nos libertemos das prisões que nós mesmos construímos.

Joel Antônio Ferreira

